

O SÉCULO CÓMICO

SUPLEMENTO HUMORÍSTICO DE

O SÉCULO



Director: ACAÍO DE PAIVA

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Lda

Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 42, — Lisboa

# Os poveiros



«Vereis amor da patria, não movido  
De premio vil, mas alto e quasi eterno...»





# PALESTRA AMENA

## NÓS

Não é bonito uma pessoa falar de si propria, mas releve-se-nos a imodestia, porque n'esta hora, por mais que façamos para concentrar a atenção no mundo exterior, não o conseguimos: mal o tentamos, logo um espirro ou uma afinetada de reumatismo nos obriga a pensar em nós, em detrimento de outros assuntos sem duvida muito mais interessantes.

Há uns tres dias que um golpe d'ar, ou coisa assim, nos gripou e, embora o leitor não tenha nada com isso, nós temos muito, já pelas dores que nos apouquentam, já pelo que temos de dar ao medico que nos visita, já pelo que a farmacia nos leva, já pela dieta—com frangos pelo antigo preço d'um casal de perús, dos gordos. Este estado é particularmente desagradavel, como podem supor, não só porque priva temporariamente a sociedade do nosso ameno convívio, mas também porque estamos privados de conviver com a dita sociedade.

Pois não é arrelviador o não termos podido cumprimentar o monarca belga, a quem nos ligam antigos laços de simpatia, desde que estivemos vai não vai a ir para a guerra por causa d'ele; não é igualmente de contrariar o não podermos também ir ao encontro do principe de Monaco, por quem nutrimos sentimentos analogos, desde que ganhámos um cavalo de tostão n'uma roleta? E já estamos a ver que chega aí o principe inglês, segundo filho de sua magestade britanica e do mesmo modo não conseguiremos apresentar-lhe os nossos respeitos—nós, que fomos tão admiradores da avó de sua alteza, no tempo em que lhe víamos a effigie nas libras, a quatro mil e quinhentos!

E quantos mais assuntos teríamos para explorar, e para com eles deliciar o leitor!

Passamos os olhos pelo noticiario dos jornais e os olhos vão-se-nos n'eles! Teatros, por exemplo: uma auspiciosissima estreia no S. Luiz, da sr.<sup>a</sup> D. Aldina de Sousa, por sinal que todas as folhas lhe chamam «Albina», pela mania que ha n'este paiz de nunca chamar ás coisas e ás pessoas pelos seus verdadeiros nomes; uma peça alegre no Avenida, com preocupação da parte do tradutor, de lhe ter suprimido as escabrosidades, como se o publico português fosse mais moral do que o francês; o regresso á casa paterna, isto é, ao Nacional, de filhos que andavam extraviados por casas alheas, como se não fosse licito a qualquer procurar sustento fóra do lar, quando aqui lh'o não dão...

E a politica? E as «grèves»? E o azeite a seis escudos o litro? E o cambio sobre Londres a 87? E o pão de 2.<sup>a</sup> a faltar? E o S. Martinho á porta, com o vinho do termo pelo preço de Lágrima-Christi?... Mas de nada d'isso falaremos, não só porque mal nos chegamos

ecos do que se passa lá por fóra, mas também, e principalmente, pelo outro motivo já apontado: porque um espirro ou uma afinetada de reumatismo nos torna egoista e a criada acaba de nos interromper para nos lembrar que são horas de tomar o comprimido de aspirina e a competente chásada de flôr de borragem.

Até á semana, se estivermos melhor-sinhos.

J. Neutral.

## Chá, ché

O Marques—lembram-se, decerto, d'este grande homem, que é um simbolo nacional—o Marques, iamso dizendo, desde pequenino que dá provas d'uma agudeza de espirito fora do vulgar. Ha pouco contaram-nos esta, que é atribuída a um senador da Republica mas que viemos a averiguar que se passou com o Marques.

Foi o diabo, na aula d'instrução primaria, para o ensinarem a juntar as letras e a formar as silabas, o que não admira porque no tempo d'ele ainda se soletrava.

Um dia o professor quiz que ele



pronunciasse a sibala chá, porque já conhecia o valor do c, do h e do á, mas o pequeno, nem para traz nem para diante.

—Diga, menino, insistia o professor. C, h, á, que faz?

O Marques, coçando a cabeça.

—Faz sagá.

Risada no auditorio dos miudos.

—Não, menino, disse o mestre. C, h, á, todas juntas fazem o nome d'uma bebida que o menino costumava tomar em sua casa.

O Marques, medita.

—E' uma bebida que se prepara com umas folhinhas... Deitam-se na chaleira, depois deita-se-lhes agua a ferver... Que bebida é?

O Marques, mudo e quedo.

O mestre, impaciente:

—E' chá, menino, é chá! Percebeu?

—Percebi, sim, sr. professor.

—Bem. Agora vamos lá a ver se é capaz de juntar as letras C, h, e á. C, h, é, que faz?

O Marques, prontamente:

—Faz café!

Por estas e por outras é que vai ser chamado a sobraçar uma pasta ministerial, na situação mais proxima.

## Tanta honra!

Não sabemos se já repararam que estamos sendo visitados por pessoas de muita importancia: o monarca belga, o principe monaquense, o filho do rei de Inglaterra...

Está-se a ver que as visitas levam agua no bico, a qual agua vem a ser aqueles cavalheiros, imperantes ou aspirantes a isso, virem cá aprender como se governa e povo, para nos seus respectivos paizes applicarem o que melhor os terá impressionado. Infeliz.



mente nenhum dos visitantes sabe português, se não podia também aprender nos nossos jornais a linguagem da cordura e da sensatez, que aqui é usada entre os politicos das diversas facções e ainda assistindo ás sessões do parlamento, onde a boa educação, o respeito pelo nosso semelhante, a alta eloquencia, etc. podem servir de modelo aos paizes mais adeantados.

A' primeira vista, parece que da nossa parte tem havido o cuidado de isolar os visitantes, evitando-lhes o contacto do que, afinal, constitue propriamente a nação; mas se tal tem acontecido, o erro é evidente, porque vão lá para fóra fazer uma ideia falsa de Portugal e pouco poderão aproveitar das muitas perfeições que temos de portas a dentro.

Assim, a apostar que nem deram pela eterna «grève» do lixo.

## DE FÓRA

### Pagina final

Partimos, seguindo a estrada  
D'um belo sonho d'amor;  
Dentro em nós, uma alvorada  
De luz, som, perfume e cor.

Regressámos, de longada,  
E o caminho encantador  
Pareceu-nos á chegada  
Que era de luto e de dor.

Vi-te e viste-me. Depois  
Separámo-nos os dois  
Num mutuo e frio desdem,

Pois notámos a mudança:  
Tinhas branca a linda trança,  
E eu era velho também!

José Castilho.





## Ecos teatrais

Em vista do grande exito obtido no teatro de S. Luiz pela actriz-cantora Aldina de Sousa, a empresa resolveu explorar a opera, a começar pelo «Lohengrin», cujo protagonista será feito pelo actor Henrique Alves. Em seguida cantar-se-ha a «Bohème», para estreia, n'este genero, do actor Armando de Vasconcelos, no papel de Mimi.

— A empresa do teatro da Trindade, que vai levar a cena o «Thermidor», tencionava convidar o sr. dr. Brito Camacho para desempenhar o papel de Marat, mas desistiu em vista de sua ex.<sup>a</sup> se recusar terminantemente a entrar no banho.

— Vão reaparecer no teatro Nacional os artistas Eduardo Brazão e Lucinda Simões, n'uma peça original do sr. dr. João de Barros, intitulada «A aproximação luso-brasileira».

— Já se encontram á venda nas livrarias as peças «D. João Tenorio» e «A Castro», originaes do sr. dr. Julio Dantas, conforme se depreende das capas respectivas. A primeira vai ser adaptada á scena espanhola pelo sr. Zorilla e a segunda á scena classica portugueza pelo sr. Antonio Ferreira.

O mesmo illustre poeta, sr. dr. Julio Dantas, está trabalhando n'um novo original intitolado «Hamlet».

— O sr. João Soler, que conservou na tradução da peça «Malvaloca» o título que tinha em espanhol, já encontrou o equivalente na nossa lingua. Na proxima «reprise» será representada com o título de «Doida, não».

## AS CASAS

A proposito da inauguração do estabelecimento e mais dependencias da companhia Kodak, ao Chiado, tem-se publicado reclamos que são verdadeiras obras primas da literatura nacional, como aquele de que transcrevemos o seguinte trecho:

«As casas como as coisas tem por vezes profundas alterações, fisionomicas que ao jornalista compete fixar:



ora elas vestem a mascara do arlequin — tapume, pintalgada de cartazes multicolores, ora a face virginal do modesto «cotage», ora o riso franco e aberto das fachadas dos grandes bancos e companhias».

Já o nosso estimavel colega Vitor Hugo tinha notado que as casas possuíam fisionomias expressivas, que falavam como gente; mas o poeta não conseguiu atingir os arrojados cunhos até onde trepou o autor das linhas transcritas. E a verdade é que depois

de lidas e de aproximarmos pela imaginação os tapumes dos arlequins, os «cotages» das virgens e os bancos dos risos, novas ideias nos occorrem sobre construções e somos tentados a dar-lhes corpo.

Assim, agora é que percebemos que as casas de prégo tem o seu quê de cornijas, a Santa Casa da Misericordia lembra um seio turgido, d'ama de leite, a fachada do Ministerio de Instrução Publica tem semelhanças com uma cabeça de burro, etc.

## Por que seria?

Veem aí, chegados do Brasil, os grandes artistas dramaticos Eduardo Brazão e Lucinda Simões, e sobre os motivos da vinda os mais disparatados bantos tem circulado e as mais extraordinarias razões tem sido inventadas.

Não agradariam tão eminentes figuras nas terras de Santa Cruz? Virão fugidas á febre amarela? Intrigas de bastidores? Desavenças com a empresa?

Ninguém tem nada com as vidas alheias, é certo, mas não sabemos por quê, o nos-o publico entende que deve discutir tudo quanto diga respeito a teatro e que os actores tem de lhe dar satisfação de tudo quanto fazem.

Ora então, satisfaçamos a curiosidade geral.

O nosso Eduardo Brazão, é ainda, como se sabe, pessoa desempenada, garbosa e muito capaz de fazer o seu pé d'alferes a uma mulher, apesar de já ter idade para general reformado; por sua parte, Lucinda Simões é ainda insinuante, agradável e de coração sensível, O Brazão apaixonou-se pela Lucinda, esta correspondeu e d'af... um rapto; esta foi raptada por aquele e vem passar a tua de mel a Portugal.

E' que não é outra coisa.

## EM FOCO

## O Principe de Monaco



Como ha muito não temos monarquia Já não me recordava com justeza Da forma, do feitio d'uma alteza, E dei largas á minha fantasia.

Vesti-a d'ouro puro e pedraria, Puz-lhe á cinta uma espada rija e tesa, Monte-a n'um corcel e em furia acesa Em torneios de guerra introduzi-a.

Mas eis que a vejo e noto—que diacho! — Que é um homem que veste como eu visto E está, como figura, muito em baixo.

Será de sangue régio, não insisto, Porém o que lhes digo é que o Camacho E' o rei dos janotas, ao pé d'isto!

BELMIRO.

## Logares selectos

## TROTE E GALOPE

Ha eguas que os donos Me gabam, é certo Mas vistas de perto Não passam d'uns monos.

A minha é tão fina Que é só apimá-la, Já toda se inclina, Parece que fala.

Mas tem outras prendas Tem tais predicados Que passam por lendas Se forem contadas.

Em trote e galope E' que ela se anima E carro em que tope Saltou-lhe por cima.

Emquanto a Maria Limpon a baixela Levou-me ela um dia De Faro a Tondela.

Saltei a Gouveia, Toquei em Foscóa E em quasi hora e meia Entrava em Lisboa.

Das portas a casa Fez tais diabruras Que três ferraduras Chegaram em brasa!

Não ha duas eguas Assim n'este mundo. Comtando-se as leguas São três por segundo.

De JOÃO DE DEUS.



# Triunfo!

«Os bispos teem recomendado aos parocos o devido respeito ás instituições republicanas...»—*Dos jornaes.*



—Vencido! Não convencido!